



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
DO SUL**



FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**CURSO DE GRADUAÇÃO – LICENCIATURA
EM PEDAGOGIA**

ANA ADÁLIA DA SILVEIRA MARTINS

**DIFERENÇAS E PRECONCEITO:
UM TRABALHO DE SUPERAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Porto Alegre

2011

ANA ADÁLIA DA SILVEIRA MARTINS

**DIFERENÇAS E PRECONCEITO:
UM TRABALHO DE SUPERAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial e obrigatório para conclusão do Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura/Modalidade a Distância, na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

Professora orientadora: Liliana Passerino
Tutora: Maria Del Carmem Cabrera

Porto Alegre

2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor : Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-reitora de Graduação: Prof^a Valquiria Link Bassani

Diretor da Faculdade de Educação: Prof. Johannes Doll

Coordenadoras do Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura na modalidade a distância/PEAD: Profas. Rosane Aragón de Nevado e Marie Jane Soares Carvalho

**Dedico este trabalho a Deus, aos meus pais,
meu marido e minhas filhas queridas.**

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela oportunidade da vida, aos meus pais por sempre me apoiarem a continuar estudando, ao meu esposo pela força de nunca desistir e estar pronto a me auxiliar no que for necessário, às minhas filhas, que são a razão da minha vida, à minha amiga Michelle Bremm, por todas as vezes que me ajudou nos trabalhos, me ouviu e foi solidária, aos meus professores e tutores pela força que me deram para continuar o curso, à UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL pela grande oportunidade de ter ingressado neste curso.

RESUMO

A escola é o lugar que acolhe a diversidade de forma global, onde ingressam indivíduos diversos, cada um carregando consigo uma história de vida. Diversidade esta que reúne diferenças motoras, de raças, de etnias, culturais, intelectuais, sociais, de personalidade e sensoriais. Sendo assim o professor precisa dispor de muita criatividade, de uma série de estratégias, de apoio escolar, do auxílio das famílias e de amor ao seu trabalho, para que o processo de uma educação para todos tenha êxito. O presente trabalho analisa uma situação vivida na prática do estágio voltada para a valorização das diferenças individuais, utilizando-se delas para desencadear uma rede de aprendizagens, onde o outro é valorizado e respeitado por todos. Apresenta considerações a respeito de diferenças e preconceito e dos estigmas que surgem a partir deles. Também enfatiza a grande importância de uma boa prática pedagógica como aliada do professor nesse trabalho e do papel da família na vida escolar dos filhos, apoiando e repassando valores a eles. Destaca também que essa parceria família-escola vem a somar pontos na formação de sujeitos mais justos e atuantes na sociedade, capazes de transformar a sua realidade, na construção de um mundo melhor e mais humano.

Palavras chave: diferenças, diversidade, prática pedagógica, escola, família

ABSTRACT

The school is the place that welcomes diversity as a whole, where several individuals join, each carrying with it a life story. This diversity that brings together motor differences, races, ethnicities, cultural, intellectual, social, personality and sensory. So the teacher needs to have a lot of creativity, a series of strategies, school support, aid families and love their work so that the process of education for all to succeed. This paper analyzes a situation experienced in the practice of the stage facing the appreciation of individual differences, using them to trigger a network of learning, where the other is valued and respected by all. Presents considerations about the differences and prejudices and stigmas that arise from them. It also emphasizes the importance of good teaching practice the teacher as an ally in this work and the role of families in school life of children by supporting and passing values to them. It also emphasizes that family-school partnership is to score points in the formation of more fair and active in society, able to transform your reality, in building a better and more humane world.

Keywords: differences, diversity, teaching practice, school, family

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO

A experiência de prática pedagógica desenvolvida no estágio e apresentada neste trabalho proporcionou a descoberta de diversas e importantes aprendizagens a cerca de conceitos profundamente ligados à diversidade e que possibilitam uma

reflexão em torno dos enfrentamentos a que a educação infantil vive em relação aos mais diversos tipos de discriminações. Para o desenvolvimento do estágio optou-se por uma arquitetura pedagógica que pudesse abranger diferentes áreas do conhecimento e assim desenvolvesse nas crianças atitudes e valores de solidariedade, carinho e respeito pelas pessoas, onde pudessem interagir e adquirir valores importantes para o seu desenvolvimento como ser humano, bem como ter a oportunidade de contato com a tecnologia como importante apoio nesse processo.

Esta prática foi realizada numa escola de educação infantil, com alunos de maternal 2, na faixa etária entre 2 e 3 anos, em escola da rede municipal, na cidade de Sapiranga, RS, num total de 22 crianças. Foram envolvidos, além das auxiliares da turma, a direção da escola, funcionários e as famílias dos alunos, num trabalho de cooperação, onde o lúdico esteve sempre presente, desenvolvendo o pensamento abstrato, a auto-estima, bem como trabalhando anseios, medos, desejos e emoções através da fantasia.

Este trabalho tem a intenção de fazer uma relação entre teoria e prática, visando uma melhor compreensão em torno da diversidade e seus percalços na educação infantil, proporcionando assim uma análise reflexiva a respeito do assunto e dessa forma responder a questão de investigação – Como desenvolver uma prática pedagógica na educação infantil que trabalhe o preconceito e discriminação e que inclua a família como agente desse processo?

No primeiro capítulo abordam-se os conceitos predominantes na escolha do tema e a explanação a cerca da arquitetura pedagógica como importante meio de se trabalhar a discriminação. Ao longo do segundo capítulo, são abordadas as experiências vivenciadas durante o processo da prática, dificuldades e sucessos. Já o terceiro capítulo, apresenta uma discussão em torno da arquitetura desenvolvida, onde é analisada, caracterizando uma reflexão em torno de suas possibilidades e dificuldades. E finalmente são abordadas as considerações finais em relação ao tema escolhido e sua relevância.

2 PRECONCEITO E DIFERENÇA

Para compreender melhor o trabalho em torno das diferenças na educação, é necessário que se reveja inicialmente o significado dos conceitos preconceito e

diferença. No dicionário preconceito quer dizer “*juízo preconcebido, manifestado*”, ou seja, um prejulgamento a tudo o que for novo e que foge a um determinado padrão.

Alice Itani aborda o preconceito como parte do nosso cotidiano quando diz:

Pode-se mesmo afirmar que o preconceito faz parte do nosso comportamento cotidiano. Frequentemente nos defrontamos com atitudes preconceituosas, seja em atos ou gestos, discursos ou palavras. A sala de aula não escapa disso. E trabalhar com essa questão, ou mesmo com a intolerância, não está dentre as tarefas mais fáceis do professor. (p. 119, 1998)

O conceito diferença, no dicionário, quer dizer “*desigualdade, falta de semelhança, ou desconformidade*”. (Minicionário Escolar Língua, p. 225). Em termos de educação, convém ressaltar que não existe turma homogênea, todos são diferentes e, portanto vivem na diversidade tanto em preferências, cultura, classe social, raça, entre outros, e mesmo em cada um deles há diferenças. Alice Itani (mostra isso quando ressalta: “Acima da distinção entre as pessoas que vivem em diferentes condições socioeconômicas, há uma diversidade de fossos que se abrem entre as pessoas e grupos sociais, mesmo pertencentes a uma mesma classe...” (p. 119,1998). Dessa forma, fica claro, que em qualquer grupo social, haverá sempre disparidades que distinguirão cada indivíduo.

Segundo a autora Cristofari argumenta a respeito da diversidade em sentido amplo, considerando as diferenças como condição da humanidade:

A diversidade é condição humana, é natural a todas as espécies, é condição *sine qua non*, para que possamos nos desenvolver, nos aprimorar e nos modificar constantemente. Nesse sentido é importante olharmos para os sujeitos relacionando-os com o ambiente sócio-cultural do qual participam. (p.4, 2006)

A mesma autora destaca também o ambiente de convívio dos indivíduos como um dos fatores determinantes de suas diferenças. Assim, não existirá um sujeito igual a outro, devido à bagagem cultural que cada um carrega

consigo, fruto de suas experiências desde o seu nascimento.

Tratando-se de direitos, a Constituição Federal de 1988 (art. 3º, inciso IV) traz como um dos objetivos fundamentais, “promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação” ficando assim abominado toda e qualquer situação discriminatória contra ao sujeito. Também fica assegurado o direito das crianças e adolescentes em relação ao preconceito e discriminação no Estatuto da Criança e do Adolescente (art. 5º), quando estipula: “Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais.” Que é errado discriminar todo mundo sabe, que fere o semelhante também, mas não deixa de acontecer.

2.1 Estigma

Estigma, segundo Goffman (2004) foi a palavra criada pelos gregos para se referir às marcas físicas que eram feitas em pessoas de má índole, criminosos, escravos ou outros que precisariam ficar claramente marcados aos olhos de todos por terem feito algo de errado ou serem indivíduos sem status. O mesmo autor nos diz:

Os sinais eram feitos com cortes ou fogo no corpo e avisavam que o portador era um escravo, um criminoso ou traidor uma pessoa marcada, ritualmente poluída, que devia ser evitada; especialmente em lugares públicos. (p. 5, 2004)

Nos tempos de hoje, estigma representa todo o sofrimento e angústia pelos quais passam as pessoas que sofrem qualquer tipo de preconceito e discriminação. O estranho, “diferente”, que foge ao padrão normal, passa a ser excluído pelo grupo, ser visto de maneira obtusa, como se fosse contagioso estar ou se relacionar com ele.

O autor ainda explicita:

Enquanto o estranho está à nossa frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser incluído, sendo, até, de uma espécie menos desejável - num caso extremo, uma pessoa completamente má, perigosa ou fraca. Assim, deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é um estigma... (p.6, 2004)

Essa característica citada pelo autor faz com que o indivíduo ou se torne tímido, envergonhado pela sua condição de aberração, ou pode se tornar agressivo, como forma de se defender. Segundo ele, existem também aquelas crianças que por serem portadores de alguma necessidade especial são superprotegidos pela família, sofrendo muito quando ingressam na escola.

Goffman deixa claro isso quando diz:

... freqüentemente se assinala o ingresso na escola pública como a ocasião para a aprendizagem do estigma, experiência que às vezes se produz de maneira bastante precipitada no primeiro dia de aula, com insultos, caçoadas, ostracismo e brigas. (p.31, 2004)

Essas são marcas negativas que podem ficar para sempre no indivíduo, causando muito constrangimento e baixando a auto-estima do mesmo.

Em termos de educação, o estigma pode ser bem evidente na escola, quando alunos são deixados de lado por serem “diferentes”, tanto por deficiências físicas, classe social ou mesmo racismo. Essas crianças sofrem muito e algumas vezes guardam consigo toda a dor, tornando-se pessoas retraídas e na maioria das vezes desistem dos estudos cedo, engrossando a fila dos fracassados. O que se tem é um desafio e tanto para vencer a discriminação e acabar com os estigmas que tanto assolam os alunos.

A autora Christofari salienta muito bem o que acontece nas salas de aula, quando muitas vezes o professor deixa passar despercebido situações preconceituosas, onde os estigmas cada vez aumentam mais, não enfrentando e problematizando as questões junto aos alunos na busca de soluções.

Afastar estigmas ou atitudes que reafirmam um olhar discriminatório às crianças e jovens que fogem do padrão, historicamente construído

de aluno adequado, é um grande desafio, talvez, o maior de todos. Atentar para a inclusão de todas as crianças na escola é considerar a diversidade humana como ferramenta essencial no desenvolvimento de todos os sujeitos. É perceber a impossibilidade de previsão exata do processo de ensino e aprendizagem, é lançar luz aos acontecimentos diários que por vezes ficam na penumbra porque nossos olhos insistem em não vê-los. Christofari (p. 3, 2006)

Ao perceber que estão acontecendo situações de conflito na sala de aula e que alunos estão sendo estigmatizados, está na hora de agir. O estigma pode atrapalhar o rendimento dos alunos além de a não tomada de solução no caso pode implicar no incentivo a que isso continue acontecendo cada vez mais. Na minha sala as crianças eram bem pequenas por isso ainda não surgia o estigma em forma de palavras, mas os alunos eram estigmatizados através de olhares, gestos ou ações, como por exemplo, não querer sentar ao lado do colega ou dar as mãos. Nesses momentos sempre parava tudo e conversava com as crianças, mostrando que todos eram diferentes na sala e que precisavam ser amigos.

2.2 A prática pedagógica como aliada

As diferenças existem desde o começo dos tempos e com elas o preconceito sempre se fez presente e a escola que deveria ser a base de uma sociedade melhor, livre de preconceitos e discriminações de qualquer espécie, fica a mercê de tabus já desde o começo da escolaridade, na “Educação Infantil”. O respeito à diversidade precisa ser trabalhado com as crianças desde pequenas e é de extrema importância que a escola lhes proporcione isso.

Conforme o autor Gadotti questiona-se quando fala:

Que tipo de educação necessitam os homens e as mulheres dos próximos 20 anos, para viver este mundo tão diverso? “Acredito que uma educação para a diversidade, para a integração e para isso é necessário que as crianças se apropriem dela desde a educação infantil (2000, p 41)

A autora Teresa Cristina R Rego, também questiona a prática pedagógica na escola em relação ao trabalho a ser desenvolvido frente às diferenças:

É praticamente impossível negar as diferenças individuais entre os sujeitos de uma determinada cultura, assim como a variabilidade dos indivíduos de diferentes grupos culturais. (...) Para a educação, o problema se coloca de uma outra forma: o que fazer com as diferenças encontradas? (p. 49, 1998)

O preconceito já começa a despontar nas crianças desde cedo, nos primeiros anos de vida, como pode se observar nas turmas de educação infantil. Daí a importância de se começar uma prática pedagógica que abrace essa causa e trabalhe a diversidade, tirando o melhor proveito possível das diferenças individuais dos alunos para o trabalho pedagógico. Nesse sentido, o professor interage com o aluno, proporcionando desafios e situações onde ele possa se colocar no lugar do outro e sentir o que o outro sente, anseios, dificuldades, medos. Dessa forma fica mais fácil que as crianças compreendam o “diferente” e aprendam a respeitar o semelhante em suas diferenças e principalmente, aprendam a serem solidários.

O aprendizado e vivências das diversidades de raça, gênero, classe, a relação com o meio ambiente, a vivência equilibrada da afetividade e sexualidade, o respeito à diversidade cultural, entre outros, são temas cruciais com que, hoje, todos nós nos deparamos e, como tal, não podem ser desconsideradas pela escola. (Arroyo, 1994, p. 310)

Partindo da premissa de que todos são diferentes, a escola precisa se adequar para atender as necessidades de seus educandos, tanto em termos físicos (elevadores, rampas de acesso, sala de recursos...) como proporcionando condições aos educadores de desenvolver um bom trabalho em sala de aula, apoiando-os no que for preciso.

Outro ponto importante é fazer da família uma parceira constante, pois a origem da discriminação começa nos lares das crianças e locais de convívio das mesmas. Pouco trará resultados um trabalho feito sem esse envolvimento, sendo que as famílias que deveriam transmitir valores aos filhos, muitas vezes não o fazem. Trazendo as famílias para dentro da escola, o processo educativo transcorrerá em plena sintonia e com certeza obterá êxito.

Daniel Manducuru refere-se aos encargos que a escola acaba assumindo sozinha quando a família deixa de fazer sua parte.

Educação cabe à família. Educar valores nas pessoas. Pessoas vivem valores, fatalmente os filhos também viverão e assumirão um comportamento mais adequado. E quando os pais não os têm? Sobra para a instituição escolar." referindo-se aos valores que a família deve passar aos filhos, e se ela não os tem e não os passa para os filhos, fica para a escola, que fica com todo o encargo. (2002, p.40)

Quando se resgata a família para um trabalho em consonância com a escola, os resultados melhoram significativamente e quando se fala de preconceito esse trabalho deve ser desenvolvido mais ainda com essa participação, já que na maioria das vezes é em casa que começam as discriminações.

A prática pedagógica pode sim ser uma importante aliada no processo educativo a ser trabalhado em prol da luta contra o preconceito e discriminação, basta que para isso o professor esteja preparado para receber a diversidade em sua sala, com propostas inovadoras e contando com o apoio de toda a comunidade escolar, num processo cooperativo e transformador.

A autora Christofari ressalta:

O desenvolvimento humano não está no organismo nem no ambiente exterior, mas na relação entre ambos. Ainda que a escola não seja o único lugar possível e necessário de desconstrução de uma visão homogeneizadora acerca da constituição dos sujeitos, é fundamental que ela se mobilize em alternativas de legitimação do outro garantindo uma educação em sintonia com os princípios orientadores de uma escola para todos. A escola é um lugar onde uma rede complexa de significados e comportamentos são compartilhados na convivência entre todos. Parece-me que o grande desafio é aprender a (com)viver com o outro deixando o medo do desconhecido de lado, para apostar na convivência com o imprevisível. (p. 4, 2006)

A diversidade pode ser um importante assunto para se desenvolver uma prática pedagógica com ricos significados para os alunos. E tratando-se de Educação Infantil, essa prática deve ser trabalhada de forma bem lúdica, onde as crianças aprenderão brincando a conviver e respeitar as diferenças numa ajuda mútua e perpassando às pessoas de seu convívio. A fantasia se faz muito presente nessa faixa etária, e é nesses momentos que poderão acontecer as melhores aprendizagens.

3 ESTUDO DE CASO

O estudo de caso é uma forma de pesquisa qualitativa que visa a análise de uma situação, onde são averiguados de forma aprofundada dados referentes a ela.

É uma categoria de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa profundamente. Pode ser caracterizado como um estudo de uma entidade bem definida, como um programa, uma instituição, um sistema educativo, uma pessoa ou uma unidade social. Visa conhecer o seu “como” e os seus “porquês”, evidenciando a sua unidade e identidade própria. É uma investigação que se assume

como particularística, debruçando-se sobre uma situação específica, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico. (VILABOL)

Desta forma o estudo de caso em questão refere-se ao estágio realizado na Escola de Educação Infantil Branca de Neve, localizada na cidade de Sapiranga, rua Seberi, nº 294, bairro Oeste, numa turma de maternal 2, composta de 22 alunos, sendo 14 meninas e 8 meninos. Destes, 8 eram alunos novos e os outros já eram alunos da escola. A faixa etária dos mesmos era entre 2 e 3 anos de idade e permaneciam na escola em tempo integral. Na sala havia um aluno de inclusão, que começou a caminhar no meio do ano, e interagiu muito bem com o grupo. Ele nasceu prematuro, com o lado direito afetado, e atraso no desenvolvimento.

Grande parte dos alunos era de origem alemã e italiana, sendo que havia apenas uma aluna afro-brasileira e quanto ao credo religioso prevalecia em primeiro lugar a religião católica, seguida da evangélica e por último a luterana. As famílias na sua maioria eram constituídas de pai, mãe e filhos. Com renda entre dois e três salários mínimos e a maior parte morava no bairro Oeste, o mesmo onde a escola se localiza. A ocupação da maior parte dos pais era no setor industriário, calçadista, sendo que a maioria parou os estudos ainda cedo, no ensino médio.

A turma do maternal 2 B em si era bastante unida e ativa, sempre dispostos a participar das atividades, principalmente quando as mesmas envolviam a expressão corporal. Gostavam muito de ouvir histórias e cantar. As atividades com sucatas e materiais como tinta têmpera e giz de cera chamavam muito a atenção da turma. Mas o melhor para eles, era a hora de ir para a pracinha, onde exploram todo o espaço físico da mesma com muita alegria.

Durante o primeiro semestre foram trabalhados vários projetos pedagógicos - O Corpo, A família, O meio ambiente- com o objetivo de desenvolver a auto-estima, descobrir e conhecer o seu próprio corpo, suas potencialidades, desenvolvendo e valorizando hábitos e cuidados com a saúde e bem-estar, bem como aprendendo a valorizar e cuidar da natureza. Dessa forma procurou-se também explorar sempre a importância do convívio escolar e a preservação e valorização do ambiente familiar.

As crianças ainda estavam aprimorando os hábitos de higiene e alimentares como: despir-se e vestirem-se sozinhos, ir ao banheiro, lavar as mãos e segurar os talheres adequadamente, por exemplo.

Observando as produções dos alunos, percebia-se que realizam os trabalhos com bastante capricho e que alguns desenhos já começam a ter forma, aparecendo muitas garatujas. Demonstravam serem crianças muito comunicativas e carismáticas, gostando de contar novidades de sua família na roda de conversa.

3.1 Relato da experiência da prática pedagógica

Para a realização da prática pedagógica foi primeiramente preciso optar por um assunto a ser desenvolvido que fosse realmente do interesse dos alunos, já que eles não poderiam decidir por serem muito pequenos. Como o tema escolhido para o Desfile Cívico do município e Mostra Cultural da escola foi a “Diversidade”, considerou-se ser um bom assunto a ser abordado no estágio, intitulando-se “Construindo semelhanças, respeitando diferenças”, visto que é de extrema importância trabalhar desde cedo o respeito ao nosso semelhante, mostrando a que todos são diferentes e especiais em suas particularidades.

O trabalho foi desenvolvido de forma bem lúdica, com muita brincadeira e fantasia, onde se partiu da história do Patinho Feio, para demais relações da mesma com a diversidade existente na turma e mais tarde expandindo para a família e escola.

Já ao longo da primeira semana surgiu o primeiro impasse na sala de aula, quando descobriu-se que uma aluna, chamada aqui de aluna A, não queria se relacionar com o aluno de inclusão e nem com a colega afro-brasileira, demonstrando repulsa ao dar as mãos, beijar, abraçar e mesmo sentar do lado durante as atividades. Foi necessário conversar com a família para investigar possíveis situações semelhantes ocorridas em casa, e aprofundar ainda mais o trabalho com a turma. Aí estava um desafio a ser vencido! A mãe da aluna ao ser chamada a conversar sobre o assunto mostrou-se bem espantada e prometendo conversar e incentivar a filha a mudar suas atitudes. Depois desse dia, várias

atividades foram feitas para buscar a socialização da turma, onde cada um teve a oportunidade de desenvolver uma tarefa ou atividade com um colega, como por exemplo, quando uma criança ficava de olhos vendados e precisava pegar um objeto e alcançar para a professora.

É importante destacar que, antes de qualquer atividade, era feita uma roda de conversa onde cada um podia opinar e todos podiam decidir como fazer para concluir a tarefa, decidiram então que precisariam da ajuda de um colega.

Nesse dia, a aluna A, teve os olhos vendados e o aluno de inclusão foi convidado a ajudá-la, e assim foi feito. Ao final o colega ajudado abraçava o amigo e agradecia, foi uma forma de “quebrar o gelo”, tocar o colega já foi um avanço!

Nesse caso, constata-se a presença de um estigma, a aluna A ao perceber que seu colega apresentava um problema físico e a outra menina tinha o tom de pele diferente do seu, passou a ignorá-los e excluí-los de sua roda de convivência escolar, mesmo que estes sejam crianças muito meigas e receptivas na turma. O autor Goffman nos diz:

um indivíduo que poderia ter sido facilmente recebido na relação social cotidiana possui um traço que pode-se impor a atenção e afastar aqueles que ele encontra, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus. (p. 7, 2004)

Mais uma atividade, entre tantas, que foi muito envolvente para a turma, foi a construção de pessoas novas a partir das fotos deles cortadas em três partes: olhos, nariz e boca.

Depois de recortadas eram misturadas e cada um montava uma nova criança com olhos de um, nariz de outro e boca de outro. As figuras 1 e 2 apresentam um exemplo desta montagem. Para realizar esta atividade foi solicitada a cada criança que trouxesse uma foto sua, que depois foi xerocada.



Figura 1

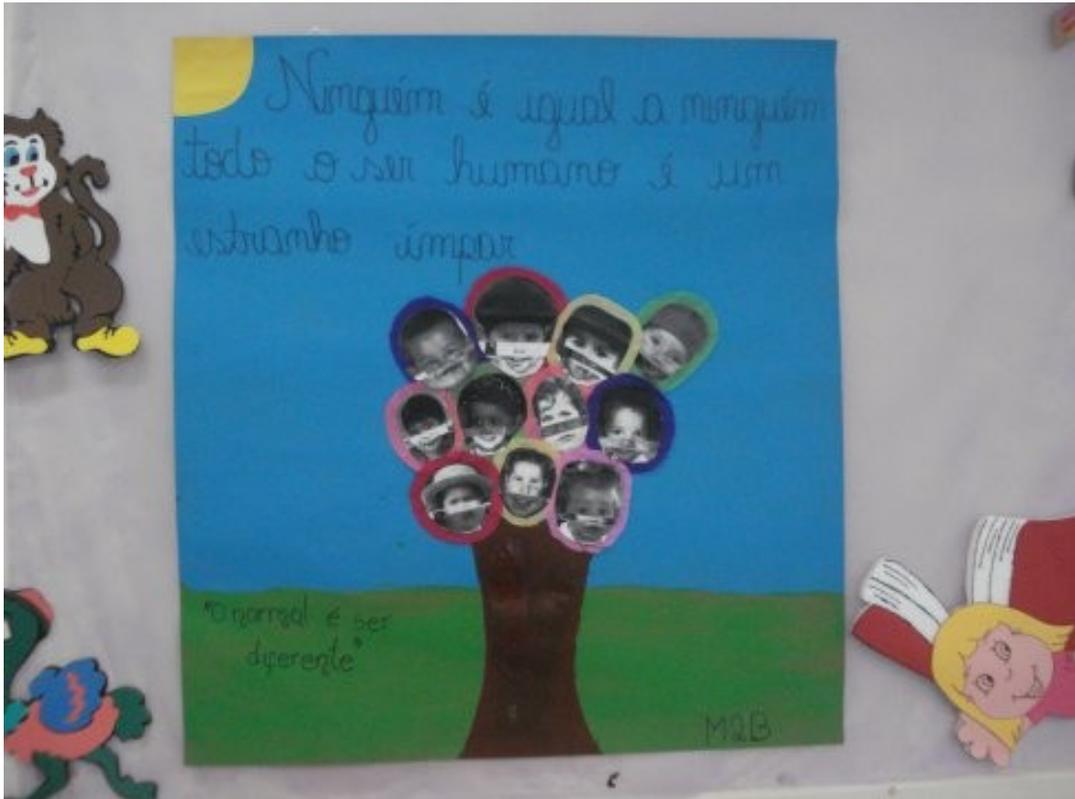


Figura 2

Depois de realizada as montagens, foi lançado para a turma o seguinte interrogante:

- Esses novos personagens são ainda crianças ou não? A resposta foi um: -Sim, só são diferentes agora! (um dos alunos falou). Nesse momento então aproveitei para questionar: - E antes não eram diferentes?. Após um momento de reflexão, vários responderam: - Sim, eram!

Esta atividade possibilitou que os alunos percebessem que não há ninguém igual a ninguém, todos têm defeitos e qualidades, todos são seres humanos e merecem respeito sempre.

Segundo, Conversa com Paulo Freire, no Boletim de Educação Matemática:

...o meu respeito da identidade cultural do outro exige de mim que eu não pretenda impor ao outro uma forma de ser de minha cultura, que tem outros cursos, mas também o meu respeito não me impõe negar aos outros a curiosidade que ele possui e o que ele quer saber mais daquilo que sua cultura propõe. (p. 130, 2003)

Um ponto importante trabalhado com os alunos foi a importância de se conhecer melhor o diferente, saber por que são assim, por exemplo, uma pessoa que não tem os braços, tem motivos para sua limitação, pode ter sofrido um acidente, ter nascido assim, ter ficado doente e precisar amputar os braços... Dessa forma, conhecendo o outro nas suas limitações faz com nos aproximemos dele e o estranho passa a ser conhecido, ao mesmo tempo deixamos que o outro nos conheça também.

Outra estratégia desenvolvida foi a confecção de um cartaz. Assim iniciamos a pintura de um cartaz coletivo, com tinta têmpera, sem usar as mãos. Este obstáculo mostrou algumas das dificuldades que enfrentam as pessoas que não tem os braços ou mãos no dia-a-dia. Inicialmente não foi especificado que parte do corpo poderia ser usado em lugar das mãos, mas diante do desafio alguns alunos disseram na roda de conversa, que poderiam fazer o trabalho com os pés. O desafio aumentou quando lhes foi dito que precisariam usar o pincel. Pensaram então em segurar o pincel com a boca, e assim foi feito.



Figura 3

Nessa oportunidade a aluna A foi convidada a ajudar a colega de inclusão,

quando este perdia o pincel. A ajuda se mostrou muito efetiva, pois a aluna A demonstrou felicidade ao ajudar o colega. Depois de dias, percebeu-se que a menina A procurava ajudar o colega, já que este recém estava começando a caminhar e precisava às vezes de auxílio e também começava a aceitar aos poucos a presença da colega afro-brasileira nas brincadeiras espontâneas. A mãe da menina, por sua vez mostrou-se bem interessada em solucionar o problema. Ela, sempre em momentos oportunos, fora da escola, perguntava como a filha estava, se já havia se entrosado mais com os colegas e que ela estava sempre conversando com a mesma, mostrando que todos devem ser amigos

Daniel Manducuru, conforme antes mencionado, destaca a importância da família na orientação aos filhos sobre valores:

Educação cabe à família. Educar valores nas pessoas. Pessoas vivem valores, fatalmente os filhos também viverão e assumirão um comportamento mais adequado. E quando os pais não os têm? Sobra para a instituição escolar." (2002, p.40)

A diversidade permite inúmeras relações para se realizar uma boa prática pedagógica, sendo assim surgiram várias idéias para complementar e valorizar ainda mais o trabalho, como a confecção de bonecos, um branco e um negro para serem amigos e passear na casa das crianças.



Figura 4

Nesse momento surgiu na sala o segundo impasse, a resistência de uma aluna, chamada aqui de aluna B, em aceitar a boneca negra, dizendo que a mesma era feia. A menina levou a boneca negra para casa e o caderno de registros do passeio num final de semana, mas não aceitou a mesma em casa. Chegou à escola segunda-feira, com o caderno escrito pela mãe, contando que a menina não gostou da boneca e não quis brincar com ela, pois era muito feia. Ao ser observada posteriormente nas atividades de rotina da turma confirmou-se que a menina B não se aproximava da colega afro-brasileira e quando esta chegava para brincar junto, ela não deixava ou se afastava. E desta forma, investigando a situação, foi descoberto que na família da aluna B, havia a discriminação. Pais de origem alemã e italiana, loiros, de olhos claros, e que através dos relatos em relação à filha, deixavam transparecer que o preconceito estava presente no seu dia-a-dia. Dizia a mãe, que esse tipo de brinquedo nunca chamou a atenção da menina, só gostava de barbies, mas ao mesmo tempo ao ser interrogada se havia incentivado a filha a gostar e brincar com a boneca, ela disse que não, pois se a mesma não gostou, não tinha que insistir. Uma situação ocorrida onde se confirma o preconceito vivido pela família foi quando a menina e sua mãe passavam pela minha casa e me vendo chegaram para conversar. Logo a menina foi brincar com minha filha J. na casinha de bonecas, mas quando minha outra filha, que tem problemas neurológicos,

chegava para brincar junto, a menina não deixava que a mesma entrasse na casinha. A mãe vendo tudo, não dizia nada, o que deixa claro que concordava com a filha.

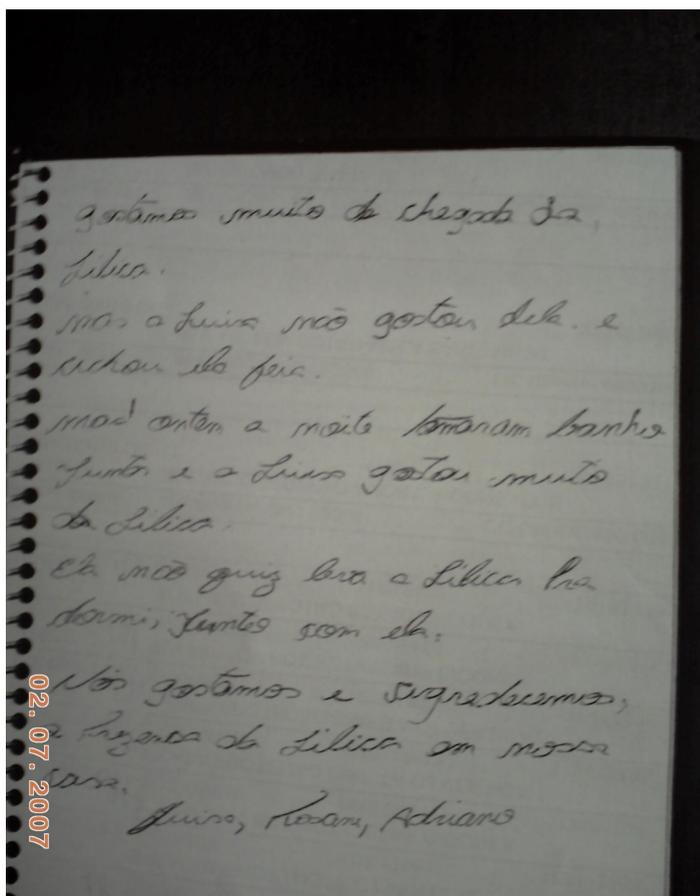


Figura 5

Depois desse episódio, procurei alguma atividade que pudesse trabalhar ainda mais o “diferente”, e dessa vez o racismo, contei então a história de São Benedito e a turma ficou penalizada em saber que ele era um menino bom, mas que as pessoas o desprezavam por causa da cor da sua pele. Falei dos valores e que ninguém gostaria de ser tratado assim, fazendo também a comparação de São Benedito com a boneca que havíamos confeccionado.

Segundo a autora Pistóia:

Parte-se do princípio que o professor sozinho não será capaz de garantir a almejada qualidade de ensino. Portanto, ele precisa valer-se de iniciativas no âmbito escolar que se encaminhem para a construção de uma rede de relações sociais e para a inclusão de todas as crianças na escola. Para tanto, torna-se necessário um direcionamento para a comunidade no estabelecimento de parcerias com os pais. É preciso tornar o trabalho escolar conhecido e entendido em suas diretrizes básicas nos diversos segmentos da comunidade escolar. (p.4, 2004)

O apoio da família é imprescindível no trabalho do professor, mas como fazer com que os alunos compreendam a importância da convivência harmoniosa na diversidade respeitando os limites e particularidades de todos se na família deles a discriminação é incentivada?

O primeiro exemplo da prática citado aqui deixa evidente o quanto a família pode fazer a diferença quando se une à escola para que seus filhos tenham êxito, e

sejam pessoas mais humanas e bem estruturadas. O segundo exemplo confirma, pois, que se a criança vive o preconceito em casa, vai achar natural e corriqueiro, sendo bem difícil de se trabalhar na escola a diversidade, de forma isolada, sem o apoio necessário da família. Durante todo o processo de desenvolvimento do estágio, as famílias foram envolvidas sempre, para que o trabalho tivesse continuidade além dos muros da escola, ainda mais quando se perceberam as situações de discriminação e preconceito na sala. Foi necessário investir ainda mais na prática pedagógica para tentar solucionar o problema, ou pelo menos amenizar, enfatizando a importância de valores na vida de todos, deixando sempre claro que aquilo que não se quer para si, não se faz para os outros, que todos precisavam ajudar e serem ajudados. Em cada atividade desenvolvida sempre havia depois o debate, o diálogo em torno do que foi feito, das dificuldades, das possibilidades, dos sentimentos envolvidos.

Segundo a autora Fazzi:

Temos um grande desafio: construir uma sociedade igualitária em termos raciais, em que o preconceito não opere em nenhum nível das relações intersubjetivas. E, nessa tarefa, precisamos nos orientar por uma ética da responsabilidade, que considere as consequências das ações propostas. (p. 219, 2004).

O desafio do professor, nessas circunstâncias, é agir, buscar da criatividade e dispor de uma gama de aparatos na sua prática que possibilite trabalhar esses preconceitos. Criaram-se então várias formas de as crianças vivenciarem situações, onde pudessem passar pelas dificuldades de outras pessoas e perceberam o quanto é difícil estar nessa condição e também da importância de respeitarmos as suas limitações, dando apoio e auxiliando o próximo quando necessário. Histórias em que se abordavam questões racistas também foram contadas de maneira a mostrar que a cor de pele não faz a pessoa, e sim os valores que a mesma carrega consigo, como bondade, honestidade, amor... As crianças gostam muito de ouvir histórias, e esse é um meio bem interessante de se trabalhar as diferenças. Segundo Abramovich (p. 18, 1997): "Contar histórias é uma arte... e tão linda!!! É ela que equilibra o que é ouvido com o que é sentido, e por isso não é nem remotamente declamação ou teatro... Ela é o uso simples e harmônico da voz.". Através de uma

boa história, podem-se passar inúmeros valores importantes para as crianças, que apresentados de forma envolvente, são absorvidos de maneira mais eficaz por elas.

Quando se fala de diferenças abrem-se várias expectativas em relação à reação das crianças, e um fato que chamou a atenção foi o retraimento de uma aluna, que até então sempre foi bem espontânea e extrovertida, ao ser abordado o assunto de pessoas que têm limitações, em função de não terem algum membro do corpo. Essa aluna foi abandonada pela mãe e criada pelos avós, e seu avô não tem uma perna. No momento em que foi perguntado se alguém conhecia uma pessoa sem um membro do corpo, ela ficou calada, retraída. Durante toda a semana que se falou do assunto na sala, a menina nada falou. Em seguida, ao recebermos a visita da tutora Analissa, após certo tempo, a aluna veio escondidinha e contou para a tutora que seu avô não tinha uma perna, depois disso nunca mais falou. Este ano, a menina já na turma do maternal 3, e eu, professora no jardim nível B, quase não nos vimos, em função dos horários diferentes de rotina das turmas, nos encontramos na pracinha. Quando me viu, correu na minha direção e disse: - Profe, o meu avô sofreu um acidente, por isso não tem uma perna! Ela sabia que eu esperei dela uma resposta naquela época e a mesma não deu agora talvez depois de assimilada a razão da limitação do avô, ela veio dar sua explicação. Ela sentia um preconceito, vergonha de ter o avô assim e talvez nem entendesse direito o porquê, ficou com isso guardado dentro de si. Isso prova que o trabalho desenvolvido não foi em vão! E para comprovar ainda mais a validade da prática desenvolvida, está de prova uma aluna que ganhou um dos bonecos da turma, que foi sorteado, e que traz o mesmo sempre no dia do brinquedo para brincar na escola. Sua mãe diz que nunca viu um amor tão grande por um brinquedo tão simples.

Para envolver a tecnologia na prática pedagógica, foi criado um blog onde eram postadas as fotos e atividades desenvolvidas pela turma durante o desenvolvimento do projeto. Falei com os pais separadamente, explicando o que era um blog, como seria utilizado e qual sua importância para o aprendizado das crianças, pedindo para isso sua autorização para a postagem de fotos e falas das crianças. As famílias foram convidadas a participar de várias atividades da turma e para aqueles que se interessaram no blog e não tinham acesso à internet, foram marcados dias aleatoriamente para que apreciassem as atividades dos filhos. Além

do blog, outras tecnologias fizeram parte do processo, como o microfone, máquina fotográfica conectada à TV, onde se viam e assistiam a pequenos vídeos da turma. Para muitos foi a primeira vez que tiveram contato com um notebook, e no mundo avançado como o nosso, a tecnologia chama muito a atenção dos pequenos, e por que não aproveitar essa possibilidade para que construam o conhecimento? Através de todos esses meios, as crianças puderam perceber diferenças individuais, como por exemplo, quando usaram o microfone e tentaram distinguir as vozes, ou quando se observaram na TV, através da máquina fotográfica conectada à mesma.

O blog da turma, primeiramente foi visto com certo receio pelos pais, afinal quando se fala em internet já se tem medo, inclusive a avó de uma aluna não permitiu o uso de imagens da neta por ter medo de saberem dados de sua vida através da internet, já que a menina foi deixada pela mãe, que a abandonou. Mas aos poucos, foram acostumando com a idéia, e alguns até fizeram comentários no blog e passaram o endereço para familiares, com orgulho do trabalho dos filhos. Os pais que tinham acesso à internet chegavam à escola e mostravam para os filhos os trabalhos expostos no saguão que tinham visto antes no blog. As crianças eram fotografadas realizando as atividades e as fotos eram postadas no blog, suas falas durante o processo também eram editadas para enriquecer ainda mais o trabalho. A tecnologia inovou a prática e auxiliou na construção do conhecimento.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Trabalhar a diversidade, não quer dizer só incluir os alunos de inclusão com os demais ou criar situações de aprendizagem para essas crianças, mas trabalhar as outras ditas "normais", pois elas sim precisam de um trabalho diferenciado, para que adquiram valores, compreendam e aceitem não só os "colegas" com necessidades especiais, mas as pessoas em geral, sabendo que todas têm direitos iguais, têm potencialidades distintas e merecem respeito. Propor à turma situações em que possam sentir o que o outro sente, é uma boa idéia. Um exemplo prático foi a atividade desenvolvida com a turma, de pintar com o pincel na boca, sem usar as mãos, as crianças se atrapalharam e viram o quanto é difícil, daí então veio o diálogo, imprescindível para a construção de conhecimentos, onde eles conversaram na roda de conversa e expressaram seus sentimentos, percebendo que as pessoas que não têm algum membro do corpo passam por diversos obstáculos no dia a dia, compreendendo melhor e aprendendo a respeitá-las. Mesmo tão pequenas, pôde-se perceber que elas estavam compreendendo a mensagem que a atividade passava. Conforme Freire e Shor(p. 123, 1986): "O diálogo é uma espécie de postura necessária, na medida em que os seres humanos se transformam cada vez mais em seres criticamente comunicativos. O diálogo é o momento em que os humanos se encontram para refletir sobre sua realidade tal como a fazem e re-fazem"

O diálogo é muito importante em qualquer situação na sala de aula, onde

todos podem parar a qualquer momento, opinar e expor seu ponto de vista, sobre o que quer que seja. O que nunca deve acontecer é fechar os olhos para a realidade, fingir que não viu quando uma atitude de discriminação ocorre entre os alunos. É interessante um bom começo de trabalho com os alunos sobre as diferenças quando ainda pequenos, mesmo que na sala não tenha alunos de inclusão, pois se um dia essas crianças virem a ter um colega cadeirante, ou com outra limitação, certamente não ficarão estarecidos, já terão trabalhado, terão noção do diferente, assim poderão aceitar e respeitar com mais naturalidade. O professor por sua vez deverá estar preparado para quando, por ventura, receber uma inclusão, deverá pensar, juntamente com a escola em adaptar o espaço de sua sala de aula da melhor maneira para criar possibilidades de entrosamento e aquisição de conhecimentos por parte desses alunos. E isso foi o que realmente aconteceu comigo neste ano, recebi uma aluna cadeirante e precisei fazer várias adaptações na sala, criar materiais com os quais ela pudesse manusear e também organizar a rotina da turma no geral, onde a mesma pudesse ser incluída em tudo e está dando certo.

Segundo a autora Pistóia o papel da escola e do professor frente à diversidade é de extrema importância:

As bases pedagógicas propostas na Educação Inclusiva envolvem o desvelamento de muitas das inúmeras situações adversas que contribuíram para a exclusão histórica e cultural destes alunos provenientes de camadas da sociedade consideradas marginalizadas. Um dos seus principais objetivos é, justamente, o de propor que o processo de inserção destes alunos envolva a escola em direção ao redimensionamento do seu papel e funções. Ao professor caberá pautar suas ações em um campo de atuação que vai além da mera transmissão de conhecimentos. Por conseguinte, ele será exigido a pensar o espaço da sala aula como um ambiente educativo desafiador, baseado na cooperação, na solidariedade e no respeito às diferenças. (Pistóia, 2002, p. 4 - 5)

Pensando assim, a escola deve estar engajada num todo para abraçar a diversidade, pensando e re-pensando sua prática e buscando novos caminhos para novos desafios.

Em relação à prática desenvolvida, comprovou-se através desse trabalho, que as crianças desde pequenas demonstram preconceito sim, mesmo que elas não entendam isso. Na maioria das vezes elas apresentam na escola atitudes de

discriminação porque aprenderam a ser assim em casa, como foi o caso da aluna B, onde através dos fatos citados ficou evidente que os pais são preconceituosos, daí a discriminação mostrada por ela.

Já no caso da aluna A, a família mostrou-se preocupada ao saber que a filha demonstrava preconceito na escola, assim, acompanhou sempre o andamento do trabalho na turma e deu apoio em casa, conversando e mostrando caminhos à menina, provando o quanto a escola e a família devem agir em conformidade.

A outra aluna que têm o avô sem uma perna também demonstrou preconceito ao se calar e de certa forma querer esconder a limitação do avô, porém sabia que aquilo que a professora estava falando era bom e importante, que todos devem se respeitar e ajudar os semelhantes. Tudo o que ela vivenciou na sala de aula ficou na sua lembrança, por isso depois de passados seis meses, ela veio contar sobre a causa da limitação do avô, pois ficou pendente essa conversa na época. Tudo o que marcar a criança, tanto positivo, como negativo, ela não vai esquecer, portanto a prática pedagógica desenvolvida com amor, envolvendo as crianças, fazendo com que se coloquem no lugar do outro e buscando sempre o apoio das famílias pode fazer a diferença na luta contra o preconceito e discriminação de qualquer espécie.

Outro fato que comprova a validade do trabalho foi o carinho e amor demonstrado pela aluna, que ganhou o boneco da turma, no sorteio. Como disse a mãe, um brinquedo tão simples, mas com um valor muito grande para ela. Ele representa uma construção feita por todos naquele ano, não só do boneco em si, mas de conhecimentos, de valores, de noções imprescindíveis de amor ao próximo, de cooperação e de respeito.

Falando-se também do outro lado, e a menina afro-brasileira da sala, como ficou? Ela percebia, que era a única na sala de tom de pele diferente dos demais, então procurou-se aproveitar essa diferença, para exaltar sua beleza e seus atributos, como por exemplo o fato de ser amiga de todos, carinhosa e educada. E como sempre há um ponto positivo a ser resgatado em tudo, havia na sala um menino (loiro, de olhos verdes), que desde o primeiro dia de aula se encantou com a menina, não se afastava dela por nada nesse mundo. Essa amizade era usada como exemplo a ser seguido pelos demais, e os dois ficavam orgulhosos com os elogios que ganhavam.

O interessante foi que no ano anterior, trabalhei no maternal 1, e desenvolvi um trabalho sobre diversidade que deu muito certo, pois envolvi as famílias, já que as crianças eram tão pequenas, num trabalho conjunto de cooperação, tendo em vista que naquele semestre nosso curso contemplava interdisciplinas que se dirigiam à diversidade. E no próximo, que foi o trabalho de estágio destacado aqui, tive o prazer de ganhar a turma de maternal 2 e ficar com vários alunos que eram meus no ano anterior. Assim, o trabalho sobre diversidade teve uma continuidade, e com essas famílias que já haviam participado do trabalho anterior, foi muito mais fácil de resgatar a participação, bem como percebi que estavam engajadas na problemática do preconceito às diferenças, pois já repassavam valores a seus filhos. Uma prática pedagógica em torno da diversidade tem que atingir a todos da sala de aula em suas diferenças, pena que um trabalho como esse na maioria das vezes não tem uma continuidade no ano seguinte, o que seria o ideal. Como então construir uma sociedade igualitária e de seres humanos transformadores se na escola, as crianças não aprenderem que não podem passar por cima dos outros, desdenharem dos indefesos, acharem que são mais importantes que os seus semelhantes e também não tiverem essas orientações tão importantes da família para se tornarem bons sujeitos? Aí fica difícil, fazer de conta que não acontece nada quando o problema está na frente dos olhos, só vai contribuir para piorar ainda mais a situação. A melhor maneira é encarar, abraçar a causa das diferenças e resgatar a família e comunidade escolar para dentro da escola.

O autor Aquino nos fala:

...a escola é o lugar não só de acolhimento das diferenças humanas e sociais encarnadas na diversidade de sua clientela, mas fundamentalmente o lugar a partir do qual se engendram novas diferenças, se instauram novas demandas, se criam novas apreensões sobre o mundo já conhecido. (p.138, 1998)

Com o desenvolvimento do estágio, com certeza uma sementinha foi plantada no coração de cada aluno, mas descobri que sozinha não posso nada. A escola, por si só não pode mudar a criança, é preciso que haja uma interação, um trabalho conjunto entre todos que fazem parte da vida dessa criança. As famílias foram constantemente envolvidas no processo, espera-se que algum proveito tenham

tirado desse trabalho, e que possam criar seus filhos, ensinando-os a respeitar o seu próximo, quer tenha ele esta ou aquela diferença.

A autora Itani afirma que não se pode negar que as diferenças existem e sim fazer bom uso delas quando diz:

Efetivamente as diferenças existem e não podem ser negadas. Não se pode negar o que é evidente. Não se pode camuflar, ou “esconder o sol com a peneira”. Vale, no entanto, analisar as diferenças, decompô-las, afirmando-as como diferenças, como elas se constituem e em que contexto elas se estabelecem. Significa afirmar a diferença sem com isso destruir o outro, nem mesmo destruir-se. (p.128, 19980)

O que se deve fazer então é aproveitar essas diferenças dos alunos para juntos construir conhecimentos que nos tornem cidadãos coesos, conscientes do seu papel na sociedade, dignos de respeito e justos com seus semelhantes. Assim foi feita a prática pedagógica, aproveitando e respeitando as diferenças e construindo semelhanças.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A diversidade é fato e condição dos seres humanos e para a escola trabalhar dentro de um ambiente tão misto e complexo, é necessário que todo o quadro funcional esteja engajado num processo educativo voltado para as diferenças, onde todos estejam comprometidos no bom atendimento das crianças, suprimindo suas necessidades individuais, tanto em materiais pedagógicos, como no espaço físico adaptado para receber as diferentes demandas de alunos, portadores das mais diversas particularidades.

Desde muito cedo as crianças entram em contato com discursos negativos, preconceitos, discriminação e rótulos, é necessário então, que a escola desenvolva um trabalho onde tenham familiaridade com a diversidade, lidando com a diferença com equilíbrio e sensibilidade. Mas não somente em datas específicas, com prazo determinado e sim ao longo do processo educativo, abordado de um jeito natural, dentro da prática diária. Tanto os alunos portadores de qualquer tipo de necessidade especial, quanto os outros, devem ser inseridos numa prática que cultive o respeito, a solidariedade e a aceitação, onde o preconceito e a discriminação sejam abolidos do contexto escolar. A família, por sua vez, deve de forma contínua, ser instigada a participar do processo de ensino, auxiliando os filhos e atuando como agente no processo educativo. A prática de uma educação para a diversidade apóia-se numa parceria entre toda a comunidade escolar, num regime de cooperação, visando a formação de sujeitos capazes de conviver em harmonia.

O trabalho aqui mencionado, serviu de modelo para que a escola onde foi

desenvolvida a prática de estágio se mobilizasse. A partir de então o trabalho teve continuação, envolvendo todo o quadro funcional em torno da diversidade, promovendo o combate ao preconceito e discriminação.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil – Gostosuras e Bobices**. São Paulo: Editora Scipione, 1997

ARROYO, Miguel. Escola Plural. **Proposta Pedagógica Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte**. Belo Horizonte: SMED, 1994.

Blog do Maternal 2A

<http://portfoliomb2.blogspot.com/> acessado em 17/06/11.

BRASIL, Constituição da República Federativa do. art. 3º, inc. IV, 1988.

_____, Lei 8069 de 13 de julho de 1990 – institui o estatuto da Criança e do Adolescente. Brasília, 1990.

Conversa com Paulo Freire – BOLEMA, Boletim de Educação Matemática, Ano 16, n. 20, 2003.

Claudio Baptista In: BAPTISTA, Claudio. **Inclusão e escolarização: múltiplas perspectivas**. Porto Alegre: Mediação, 2006.

CHRISTOFARI, Ana Carolina. Avaliação e Inclusão escolar: desafios, conflitos e possibilidades. In: Congresso Internacional de Educação, V, 2006, UNISINOS. Anais

do V Congresso Internacional de Educação. São Leopoldo/RS: UNISINOS, 2006.

FAZZE, Rita de Cássia. **O drama racial de crianças brasileiras. Socialização entre pares e preconceito.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

FREIRE, Paulo, Shor, Ira. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**, 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

GADOTTI, Moacir. **Perspectivas atuais da educação.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul. 2000.

GOFFMAN, Erving. **Estigma – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.** Tradução: Mathias Lampert, 2004.

ITANI, Alice; GOMES, Antonio Luis; VIANNA, Cláudia; ROSEMBERG, Fúlvia; CARONE, Iray; AQUINO, Julio Groppa; AMARAL, Lígia Assumpção; BENIDES, Maria Victoria Mesquita; GUIRADO, Marlene; RISENTI, Sandra; FRANÇA, Sonia Aparecida Moreira; REGO, Teresa Cristina R.; ARAÚJO, Ulisses Ferreira de. **Diferenças e Preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas /Coordenação de Julio Groppa Aquino.** São Paulo: Summus, 1998.

MANDUCURU, Daniel. PREFEITURA DE ALVORADA. Secretaria Municipal de Educação. FAZENDO ESCOLA, VOL 02, ANO 2002, P. 40 - 42.

PISTÓIA, Lenise. A rede de Interações, 2002, p. 04 - 05

VILABOL. Disponível em <<http://mariaalicehof5.vilabol.uol.com.br/>> Acesso em 18/06/2011.

